APRESENTAÇÃO – ÉTICA E TEOLOGIA

A ética *é* a acção humana. Desta mesma acção é parte fundamental a reflexão sobre si própria, a que, frequentemente de modo equívoco, também se atribui a designação de «ética». A ética é sempre substantiva, ontologicamente definidora, produtora e mesmo criadora – no absoluto da diferença que introduz, que impõe, no todo do ser – do que é verdadeiramente humano no ser humano. A ética nunca é um adjectivo, nunca é adjectival, embora se abuse dela usando-a frequentemente como tal.

A expressão «acção ética» é equivalente a estas outras «acção acção» ou «ética ética». Usa-se, assim, num registo ontológico e ético fraco, «ético» como sinónimo de «bom». Mas a ética é o «topos» activo de possibilidade, *da* possibilidade, de bem e de mal, o único lugar para tal. O mais não é qualificável, senão de modo equívoco, como bem ou mal.

Assim sendo, a relação fundamental entre ética e teologia, de que trata esta obra, *é ontológica* e consiste em que toda a actividade teológica, sendo actividade, pertence ao âmbito da ética. A teologia é, deste modo, a ética aplicada à reflexão sobre o «Logos» divino. Não há teologia passiva. Como Platão e Aristóteles, cada um a seu modo, perceberam, o nível mais alto da ética consiste na contemplação, acto com que culmina a reflexão, do divino absoluto, do Bem, do Puro Acto.

Assumindo o perigo da analogia, pode dizer-se que a vida da pericorese trinitária é uma pura ética divina, em que o acto de Deus Uno e Trino corresponde à eterna mútua contemplação reflexiva, indiscernível do acto de eterno mútuo amor.

Mas este é o paradigma ético, já não analógico, mas em semelhança absolutamente real, para a ética em sua dimensão humana, isto é, a ética propriamente entendida: um acto que é sempre um acto de amor, em que inteligência e vontade se des-distinguem, criando o que é propriamente a pessoa, não amontoado de faculdades hipostáticas e inconciliáveis, mas *acto* e acto sempre auto-referenciado. Ou nada. Sem mais.

A ética é este acto em sua actualidade própria. Por tal, é sempre substantiva e nunca adjectiva. A teologia é parte deste mesmo acto. E é-o como qualquer outra parte. Tem direito a sê-lo como qualquer outra parte. Direito ontologicamente fundado. Como qualquer outra parte da acção humana, não tem de pedir licença a qualquer entidade para poder ser.

Neste volume, encontram-se reunidos textos que tratam a acção humana sempre na perspectiva da sua relação com isso que constitui o seu absoluto de sentido, em âmbitos vários da humana existência. Ora, este absoluto constitui sempre isso que é o sagrado na e da existência humana quer o ser humano o ponha teticamente como tal quer não: não é por não fazer dele pública e assumida tese sua que deixa de o constituir como o «seu» sagrado, não num nível meramente psicológico, mas ontológico. É isso que dá sentido à sua vida, *o* que dá sentido à sua vida. Isso sem o que, em absoluto, não vale a pena viver.

Um sagrado menor ou uma fraca teologia de um Deus menor. Sem dúvida. Mas, como Anselmo de forma definitiva intuiu, todo o discurso acerca de Deus é sempre infinitamente longínquo, mesmo que em assimptótica infinitesimal aproximação, do que é isso sobre que discursa.

Assim, e em termos absolutos, toda a teologia é sempre menor quando comparada com o que a grandeza do seu sagrado objectual imporia. Ou nenhuma merece respeito ou todas merecem respeito, *segundo a grandeza ontológica do seu objecto próprio*, único critério fundamental epistemologicamente aceitável (as questões metodológicas são sempre menores e mera função objectiva).

Fundamentalmente, as teologias não se comparam, vivem-se, constituem, maiores ou menores, o ápice ético da pessoa. O sentido não se impõe – não pode mesmo ser imposto – *é-se*. Propõe-se. Propõe-se para que se possa ser e, podendo-se, se seja. Cabe a cada um dos seres humanos construir-se como sentido e encontrar a grandeza lógica do objecto do acto que é, encontrando, nisso mesmo, o «seu» Deus. Ou não se encontrar de todo, no que constitui o modo literalmente desesperante do ateísmo, o verdadeiro, esse que não permite, uma vez encontrado que se possa continuar a viver, por ausência absoluta de sentido.

O valor pessoal, teológico, literalmente, do Deus de cada um e de cada dia não depende de categorias psicológicas ou outras semelhantemente superficiais, mas da grandeza ontológica do «logos» que me habita e que me habita porque eu sou esse acto de «logos». Se for o «logos» narrativo de um Job ou o real de um Agostinho, então, porque nada maior pode haver, infinitamente, é bem de crer que eu e Deus habitemos um mesmo «ethos», um mesmo lugar absoluto de sentido e que a ética que sou mereça o nome de «teologia».

Se assim não for, é apenas mais um sonho insubstantivo.

A uma fraca pessoa corresponde sempre uma fraca ontologia própria, uma fraca ética e uma fraca teologia.

Estamos no tempo de pôr como acto nosso de cada dia a força do amor, unificando, em tal acto, inteligência (de que a sensibilidade é parte) e vontade, assim criando uma ética perfeita e uma perfeita reflexão sobre o absoluto do bem assim criado. Sem isto, quer Deus quer eu nunca "existiremos".

Encontramos neste livro um conjunto de reflexões em que a ética como a entendemos se entrecruza com a teologia, num tecido em que muito da humana actualidade se decide.

Agradecemos empenhadamente a todos os que contribuíram para que esta obra pudesse ser publicada. Sempre com a possibilidade de sermos injustos, destacamos a própria Cáritas, na pessoa do Comandante Francisco Piedade Vaz, que lançou o repto, o Mestre Juan Ambrósio, que ajudou a enquadrar a temática e a construir o título, o Professor Doutor Pe. José Pereira de Almeida, que fez o favor de escrever o Prefácio, bem como o Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, na pessoa do Dr. Rui Martins, que permitiu a utilização de textos originalmente produzidos para a sua página *on-line*. Por fim, agradecemos à Mestre Marta Salvador, que teve a gentileza de pensar a capa. A todos, um sentido bem-haja.